

## A Emancipação de Narciso<sup>1</sup>

Luís Gustavo PAVAN<sup>2</sup>

Kátia Hallak LOMBARDI<sup>3</sup>

Universidade Federal de São João del Rei, UFSJ, São João del Rei, MG

### RESUMO

A *selfie*, sendo uma forma de expressão do indivíduo, ficou relegada como uma das práticas de banalização da fotografia e do ato fotográfico, principalmente por cumprir psicologicamente o papel de construção dos diversos “Eus” que se inserem na sociedade de massa. A constituição da própria identidade se tornou algo que não é mais tão particular. Pelo contrário, com a internet, a identidade passou a estar contida dentro do sujeito e nos efeitos que o olhar do outro produz. Apenas, e só dessa forma, é principalmente o outro que é capaz de construir o sujeito “como ele realmente é”. Por outro lado, se a *selfie* é uma expressão de si, a eternização de um instante passado e considerado importante, porque está posta na outra extremidade em relação à obra de arte? É possível que a *selfie* seja produzida e vista de outra forma, que não a essência da vulgarização fotográfica?

**PALAVRAS-CHAVE:** *selfie*; autorretrato; fotografia artística; banalização; Narciso.

### 1 INTRODUÇÃO

Lágrimas se chocam contra a água. A imagem refletida, no cerne de sua superfície, ameaça sumir, tilintando feito diamante pelos olhos da ninfa Eco. O jovem rapaz que chora, estático em frente a uma fonte, parara ali alguns dias antes, quando, pela primeira vez, deparou-se com a imagem de quem acordou a paixão que nenhuma mulher ou homem havia conseguido desde então. Seu amor fora despertado. Estava amarrado, preso sobre uma panoptia<sup>4</sup> nunca revelada.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria V Produção Transdisciplinar, na modalidade PT 04 Fotografia artística (avulso).

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Jornalismo da UFSJ. E-mail: [gustavopavann@gmail.com](mailto:gustavopavann@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora do curso de Jornalismo da UFSJ. E-mail: [katialombardi@ufsj.edu.br](mailto:katialombardi@ufsj.edu.br)

<sup>4</sup> O termo panoptia foi concebido pelo filósofo inglês Jeremy Bentham (1782-1875), que a partir dos estudos sobre o sistema penitenciário criou um projeto de prisão circular, onde um observador central (o panóptico) poderia vigiar todos os presos. O conceito de panoptismo é mais intensamente trabalhado por Michel Foucault na obra Vigiar e Punir (1999).

Narciso nasceu sob uma beleza descomunal aos olhos humanos, dádiva que só era permitida e, por isso, merecedora dos deuses, que na verdade eram os ícones que deveriam ser admirados, cultuados. Belo e viril, dos índices de Apólo, Narciso foi responsável por acometer loucura sobre as mulheres que o fitavam. Ele, por sua vez, desprezava todas essas cobiças, julgava ter que encontrar alguém que de fato tivesse o direito de seu amor.

Eco, ninfa dos montes, uma vez ao ver Narciso caçando na floresta, se perdeu na superfície do já desejado amante. Narciso a rejeitou. Sofrendo com a negação do seu amado, Eco se isolou numa caverna aonde definhou, sozinha, assim como havia crescido Narciso, desprezando a alteridade, solitário. A vingança das ninfas veio na forma do espelho. Num dia de forte calor, Narciso, sedento por água, debruçou-se sobre uma fonte perto de onde conhecera Eco, no momento que viu a imagem que o contemplava no espelho da fonte delirou. Pensou em beijá-la, e, na tentativa de abraçar o já tão desejado amor, viu suas mãos vazias, viu a miragem sumir e se recompor momentos depois. “Por que foges criatura? E porque foges ao meu contato?” Definhou aonde nasceria uma flor, o breve Narciso, na esperança de um dia ter seu amor correspondido.

Quem é Narciso? A figura emblemática da mitologia grega, que desperta a curiosidade de parte da população, antes de tudo é um mito. Mitos e deuses servem como espelhos e orientação para as relações humanas, para o entendimento da complexidade do mundo. Dessa forma, impele-se que o mito de Narciso também atravessa essa linha do autoconhecimento e do ensinamento dos deuses.

Num olhar sobre o quadro dedicado à Narciso, feito por Caravaggio (1594-1596), Philippe Dubois (1993) reservou um parágrafo em “Ato Fotográfico”:

Se a imagem observada na fonte por Narciso é seu próprio reflexo “pintado” e se o quadro, como a fonte, é também uma pintura-“reflexo”, então o que reflete será sempre a imagem do espectador que a observa, que nela se observa. Sou, portanto, sempre eu que me vejo no quadro que olho. Sou (*como*) Narciso: acredito ver o outro, mas é sempre uma imagem de mim mesmo. O que a proposta de Filóstrato nos revela finalmente é que *qualquer olhar para um quadro é narcisístico*. (DUBOIS, 1993, p.143).

Embora o autor faça uma análise com ênfase maior na questão do espelho e não necessariamente na influência do mito dentro das individualidades da cultura pós-moderna, pode-se fazer um paralelo de Narciso com as atuais estruturas do “fazer fotográfico”, do “agir fotográfico” e do “pensar fotográfico”.

Com a grande adesão às redes sociais e a disseminação da internet, e a potencialidade na aceleração das tecnologias digitais, o mundo viu uma nova forma de se comunicar, e a fotografia não escapou dessa onda ressignificadora. Hoje, tão simples como possuir a câmera fotográfica, é permitir que a imagem operada seja colocada a disposição de milhares de pessoas, expostas e sob o crivo dos indivíduos virtuais, que passaram a ser responsáveis pela construção da visão que o outro tem de si mesmo. Daí também o nascimento da *selfie*.

*Selfie* foi considerada a palavra do ano de 2013 pelo *Oxford English Dictionary*, seu uso cresceu 17.000% segundo o jornal *USA Today* desde 2012. Nem pelo estrangeirismo (talvez isso agrade) deixou de ser falada e difundida no mundo todo. Basta um celular com uma câmera, esticar o braço o máximo que puder e posar para a *selfie*. Uma espécie de autorretrato instantâneo, objetivo, *a mais pura imitação da realidade*. De acordo com Soares (2014), a *selfie* é um produto de uma sociedade flutuante, que vê no advento das tecnologias uma nova forma de se estabelecer ideal e ideologicamente:

Na esteira desse processo de autorrepresentação, assim que o aparato fotográfico se popularizou e teve seu uso simplificado pela tecnologia, e as formas de distribuição do conteúdo imagético se dispuseram ao alcance do – até então – não-fotográfico, o autorretrato foi absorvido como *selfie* pela sociedade hiperespetacular. (SOARES, 2014, p. 190).

Onde fica o verdadeiro saber fotográfico? Qual o papel do sujeito que controla o aparato responsável por fabricar a imagem? De acordo com Dubois (1993) a fotografia sacia nossa necessidade de “ver para crer”, algo que ronda no pensamento que ele considera generalizado nessa sociedade, “mimético”. Quando todos entram num consenso, é o de que a fotografia representa a realidade das coisas: “*A foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra.*” (Dubois, 1993, p.25).

O que Dubois (1993) chama de “categoria de pensamento” é uma forma que a fotografia passou a ser pensada no século XX, contrariando as teorias miméticas e a própria ideia de que a fotografia seria a representação mais próxima da realidade. Nesse sentido, a fotografia passa a ser dotada de uma visão mais poética, não menos verdadeira, do que apenas como objeto do registro. Para ele, o “saber fotográfico” é “*absolutamente singular e que introduz a uma relação específica com os signos, o tempo, o espaço, o real, o sujeito, o ser e o fazer*” (Dubois, 1993, p. 60).

A *selfie*, ao mesmo tempo que, por ser uma fotografia, carrega todo o peso do real, deixa de ser um autorretrato genuíno, pois sai da esfera privada em direção à esfera pública. Entrega-se ao mito de Narciso, aonde o espelho é o olho do outro, um momento, uma ausência de si, que implora por presença, percebida pelo outro. O sujeito que faz a *selfie* está enraizado pelos compartilhamentos e pela lógica da rede social, pela possibilidade sedutora do panoptismo de si, prevenido de qualquer vulnerabilidade, assumindo o que Abdala (2014) chama de três espaços: “*o daquele que vê, daquele que é olhado e o daquele que sabe que está sendo olhado*” (Abdala, 2014, p. 07).

A autora complementa a ideia com a seguinte afirmação:

Poderíamos dizer que ao sermos convidados ou induzidos a fazer-se olho de outro sujeito, seria uma forma do outro mostrar por imagens seu universo simbólico. Um subterfúgio que os sujeitos da web encontraram de potencializar a subjetividade. É como se estas imagens dissessem: - Veja com meus olhos quem eu sou, ou quem almejo ser. Devora-me! (Abdala, 2014, p. 06).

Deste modo, a *selfie*, agora tão mais acreditada como uma representação de si, portanto de uma realidade própria e individual, apresenta-se como um produto da cultura de massa, tão coagido por preceitos estéticos e comportamentais como qualquer outro produto criado nessa dimensão. Essas relações que o sujeito tem com o mundo e com a alteridade já não estão baseadas nos seus valores, ou no self, mas está condicionada a uma “cultura de padrões simbólicos impostos” (Abdala, 2014).

As maiores críticas são de que a *selfie* não é necessariamente uma representação real de si, pois envolve questões maiores, ligadas a própria construção do eu dentro da coletividade. Ou seja, além de mostrar quem eu sou, a *selfie* deseja mais. A fotografia se tornou tão popularizada e um meio tão mais fácil de falar e tão rápido de produzir, que ela consegue reunir quase todos os requisitos em todas as especificidades da personalidade do indivíduo. Justamente por isso, dá-se tanto crédito à teoria mimética, que acredita na fotografia apenas como representação do real.

Dubois (1993) associa isso ao próprio ato fotográfico. Está na ação, no próprio instante mecânico de fotografar, a ideia de que a fotografia não necessariamente pode também representar uma transformação do que se vê, em detrimento da fotografia artística, “*produto do trabalho, do gênio e do talento manual do artista.*” (Dubois, 1993, p. 25).

Foi-lhe atribuída uma credibilidade, um peso de real bem singular. E essa virtude irreduzível de testemunho baseia-se principalmente na consciência que se tem do processo *mecânico* de produção da imagem fotográfica, em

seu modo específico de constituição e existência: o que se chamou de *automatismo de sua gênese técnica*. (DUBOIS, 1993, p.270).

## 2 OBJETIVO

Este trabalho tem o objetivo de trazer para reflexão uma foto (ou *selfie*) e discutir sobre seu valor estético e a intenção de autorrepresentação do indivíduo.

## 3 JUSTIFICATIVA

Narciso é real? Somos (todos) Narciso? Estaria a *selfie* banalizando a fotografia? Ou não. Como se separam esses diferentes saberes? Eles se separam? Quem é o sujeito responsável pela *selfie*? Seria ele o fotógrafo? Seria ele Narciso, portanto produto direto da hipercultura de massa, amante do próprio reflexo? É possível fazer obra de arte com o que chamamos de *selfie*?

## 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A fotografia foi operada em 2014, na cidade de São João del Rei/MG e pensada como parte de um breve ensaio para redes sociais denominado “Asfixia”. A imagem foi realizada através de uma câmera Nikon D3100 e precisou-se do disparador automático, com *timer* de dez segundos, para se chegar ao resultado da imagem. Para a operação da fotografia, o fotógrafo se apresentou como o sujeito da foto. Portanto, a técnica usada é a do autorretrato. Foi fotografado no modo manual, com velocidade alta, *flash* ativado e a preocupação primordial com a composição da imagem.

A luz utilizada para a foto é a do próprio *flash* da câmera e assim obteve-se os tons brilhantes das gotas de água que refletiram a luz artificial. A imagem foi tratada no *PhotoScape*, utilizando *present P&B*, onde foi aumentado grosseiramente o contraste entre os tons, profundidade e superfície, a fim de garantir a unicidade entre sujeito e objeto.

Dessa maneira, o leitor observa primeiro o brilho da água, depois a feição do sujeito, que vê o reflexo também se esvaír de sua via oral e nasal. Ciente do mito de Narciso, a fotografia recebe o nome de “A emancipação de Narciso”, quando já morto, o mitológico Narciso consegue se desvincular de suas algemas: a própria imagem.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O processo para encontrar o resultado ideal da fotografia se baseou no olhar fotográfico à medida que focou na relação entre sujeito (performance) e objeto (água que cai), aludindo ao mito de Narciso.



Foto 1: A emancipação de Narciso  
Fonte: Luís Gustavo Pavan

Essa foto é um autorretrato, ou uma *selfie*, já que também foi compartilhada em redes sociais (*Flickr* e *Facebook*) e, seja por um valor absoluto do outro ou por questões traçadas pelo senso estético e artístico, às vezes permeado pelo real e pela transformação do próprio real, recebeu vinte e seis curtidas e um compartilhamento na plataforma *Facebook*.

A fotografia (ou a *selfie*?) tentou, através do autorretrato, ilustrar o instante que se dá conta do fim de um relacionamento, o momento que entende a perda. Uma experiência própria que ganha voz e imagem através da arte fotográfica.

Aqui se eterniza um instante, que não representa o real, mas permite um traço muito forte de um momento passado: a dor de perder tendo como efeito direto a incapacidade de se comunicar. O que seria a água que cai senão a própria libertação? O que seria o brilho das gotas senão a própria autoestima?

A experiência da aura, que Walter Benjamin (1955) identifica no poder da obra de arte, poderia ser encontrada também nessa “*selfie*”?

Com a fotografia, o valor de culto começa a recuar, em todas as frentes, diante do valor de exposição. Mas o valor de culto não se entrega sem oferecer resistência. Sua última trincheira é o rosto humano. Não é por acaso que o retrato era o principal tema das primeiras fotografias. O refúgio derradeiro do valor de culto foi o culto da saudade, consagrada aos amos ausentes ou defuntos. (Benjamin, 1955, p. 01).

Tendo esta premissa de Benjamin (1955) o que lhe transmite essa imagem? Ela consegue cumprir seu papel? Narciso sou eu? Entende-se que as imagens falam por si só, se constituindo num exímio instrumento de comunicação, onde podemos falar através de. Narciso parece se libertar da dor do amor como se liberta da própria imagem. O que seria a água que cai senão o próprio reflexo de Narciso? O que seria a água que cai senão a própria *selfie*? Como a água e o reflexo, a *selfie* já passou.

## 6 CONSIDERAÇÕES

O estudo apresenta questionamentos acerca das inconstantes diferenças entre a *selfie* e o autorretrato, o banal e o artístico, o real e a transformação do real. Do ponto de vista histórico-social, em que uma câmera fotográfica pode ser significativa a ponto de constituir o ser fotógrafo, torna-se vazio identificar e valorizar apenas algumas imagens por questões estéticas e de veiculação - se agrada aos olhos e se está num museu ou no *Facebook*. No momento do ato fotográfico, constitui-se um olhar da pessoa sobre a sua realidade. Faz parte da subjetividade, da percepção e da construção da identidade do sujeito.

Por outro lado, se vê na banalização da imagem um efeito direto da lógica da *selfie*, como se a atual puerilização da fotografia fosse apenas indício no sujeito não-profissional, dono de um *smartphone* e detentor de uma conta na rede social.

A intenção do autorretrato era buscar numa expressão, numa faixa muito pequena de tempo em que o mundo continua a acontecer independente das individualidades, um instante de libertação. Mesmo que cheio de angústias e de olhos fechados, uma entrega aos braços da liberdade. O fundo escuro serviu para concentrar os olhos sobre a performance central, dando todo o protagonismo para a relação entre sujeito e objeto. Da mesma forma que a fotografia *P&B* é uma busca sobre a condição psicológica dúbia do personagem, a face bicolor do ser ausente. Esse é o primeiro cenário, onde sujeito e objeto (a água) caminharam em direções opostas. O sujeito sou eu, Narciso. A água é o amor morto, o reflexo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ABDALA, L. Eu, eu mesmo e minha selfie: moda e identidade na rede. In: ROSA, L.; SANT'ANNA, M. R. **4º Encontro Nacional de Pesquisa em Moda**. UDESC, Florianópolis, SC, 2014. Disponível em: <[http://www.ceart.udesc.br/anaisenpmoda/anais/2.07\\_lorena\\_abdala\\_eu\\_selfie.pdf](http://www.ceart.udesc.br/anaisenpmoda/anais/2.07_lorena_abdala_eu_selfie.pdf)> Acesso em 24 de abril de 2015.

ABREU, S. R. Autorretrato: inventando a si mesmo. In: GERALDO, S. C.; COSTA, L. C. (org) **E56 Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas: Subjetividades, utopias e fabulações**. Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. Disponível em: [http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/chtca/simone\\_rocha\\_de\\_abreu.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/chtca/simone_rocha_de_abreu.pdf). Acesso em 23 de abril de 2015.

BARBON, L. P. O Autorretrato Fotográfico: Encenação, Despersonificação e Desaparecimento. In: GOMES, G. C. S; DALTRO, J. J. M; NUNES, S. C. **V ciclo de investigações do PPGAV – UDESC**. Disponível em <<http://ppgav.ceart.udesc.br/VCiclo/artigo23.pdf>> Acesso em 22 de abril de 2015.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. 1955. Disponível em: <<http://www.mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/A%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20t%C3%A9cnica.pdf>> Acesso em 24 de abril de 2015.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Coleção Ofício de arte e forma. Campinas –SP : Papirus, 1993.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis – RJ, 20ª Ed. Vozes, 1999.

KAWAKAMI, T, T; MARCHI, A. I. A popularização da fotografia e seus efeitos: Um estudo sobre a disseminação da fotografia na sociedade contemporânea e suas consequências para os fotógrafos e suas produções. **Projética Revista Científica de Design V. 31**. Londrina, PR. N. 11. Jul 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/viewFile/10538/11329>> Acesso em 21 de abril de 2015.

OXFORD DICTIONARIES. **The Oxford Dictionaries Word of the Year 2013 is....** Oxford, 2013. Disponível em: <[blog.oxforddictionaries.com/2013/11/word-of-the-year-2013-winner/](http://blog.oxforddictionaries.com/2013/11/word-of-the-year-2013-winner/)>. Acesso em 24 de abril de 2015.

SOARES, L. S. Do Autorretrato ao Selfie: um breve histórico da fotografia de si mesmo. **Tuiuti: Ciência e Cultura, n. 48**. p. 179-193, Curitiba, PR, 2014. Disponível em:<[http://www.utp.br/tuiuticienciaecultura/ciclo\\_4/tcc\\_48\\_hist\\_da\\_ccao/pdf\\_48/art\\_12.pdf](http://www.utp.br/tuiuticienciaecultura/ciclo_4/tcc_48_hist_da_ccao/pdf_48/art_12.pdf)>. Acesso em 24 de abril de 2015.